



COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v.18, n.1, p. 216-220, jan.-jun. 2023

Representação, silenciamento e esquecimento nas relações de subalternidade estabelecidas historicamente

Isadora da Silva PRESTES

Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda
pela UNICENTRO/Guarapuava. Mestranda do Programa
de Pós-graduação em Comunicação da UNESP/Bauru.

E-mail: isadora.prestes@unesp.br

Francisco Arrais NASCIMENTO

Pós-doutorando em Comunicação pela UNESP/Bauru, doutor em Ciência da Informação
pela UNESP/Marília. E-mail: francisco.arrais.nascimento@gmail.com

Enviado em: 9 dez. 2023

Aceito em: 20 dez. 2023

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. ISBN 978-85-7041-816-6. (133 p.)

Spivak em sua obra "Pode o Subalterno Falar?" (2010), contribui de maneira significativa para o debate acerca das razões que levam os ditos subalternos a serem historicamente silenciados no âmbito social. O conteúdo apresenta um caráter ensaístico e está organizado em quatro partes distintas, no entanto, é importante destacar que a crítica à representação do ocidente permeia todo o volume. Na primeira seção, a autora enseja o diálogo ao problematizar como o "[...] sujeito do terceiro mundo é representado no discurso ocidental" (Spivak, 2010, p.20), considerando que a produção intelectual no ocidente no decorrer de sua construção histórica se alinha por meio de recortes geográficos com os interesses econômicos do norte global, favorecendo narrativas hegemônicas que relegam aos não pertencentes a essa cultura dominante - uma posição de subalternidade, estabelecendo assim, uma aliança simbólica de poder, por meio da construção de hierarquias que utilizam-se em um primeiro momento da localização geográfica para validar a construção do conhecimento. Cabe ressaltar que a autora utiliza para o diálogo conceitos de Deleuze e Foucault, com a obra "Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze", criticando-os por suas tendências etnocêntricas, as quais não vislumbram a participação dos subalternos. Para além, a autora tece crítica a falta de espaço para que a voz dos subalternos seja ouvida. Nesse sentido, Spivak aponta para a falta de sensibilidade dos intelectuais ocidentais em relação à diversidade cultural e à falta de oportunidades para ouvir e respeitar os povos subalternos. Por isso, a autora vê como positivo os pensamentos de Derrida, tendo em vista que ele propõe um questionamento às narrativas dominantes/hegemônicas, ampliando o horizonte e fazendo emergir perspectivas marginalizadas em função de proselitismos sociais estabelecidos historicamente por meio de suas relações de poder, as quais desestabilizam a estrutura que os oprime.

Na segunda seção, Spivak firma ainda que, o outro, coadunando com os preceitos de Tomaz Tadeu da Silva (2000), não é um ser único e imutável, mas sim um ser heterogêneo em constante transformação. Logo, o entendimento acerca do eu e do outro, em uma divisão binária do entendimento, construído de forma cultural, ecoa de forma contundente no entendimento entre a identidade e a diferença, uma vez que, para Silva (2000, p. 76) "[...] identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos

de criação linguística”. Nesse interim, Silva (2000, p. 81) discorre que “[...] identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva linguística [sic] – está sujeita a vetores de força, a relação de poder”.

Assim, se pode vislumbrar que, a caracterização dos estratos sociais de regiões dominadas é criada por meio de representações, que acabam falando por eles e não sobre eles. Isso resulta na formação de percepções distorcidas, inverossimilhantes e visões estereotipadas que inferiorizam esses grupos e os associam a preconceitos arraigados, relegando-os a uma posição marginalizada na sociedade, inclusive no âmbito acadêmico, apresentando-os com uma identidade única e inferior, silenciando características intrínsecas de uma realidade, contribuindo para perpetuação da opressão desses povos e consequentemente fortalecendo a ideia de história única.

Ao estabelecer diálogo com tal compreensão, Adichie (2019, p. 26) afirma que “[...] a história única cria estereótipos e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”. Nesse sentido, na terceira seção de sua obra, Spivak enfatiza a importância do papel dos intelectuais pós-coloniais em criar espaços nos quais os subalternos possam falar, sendo reconhecidos tanto pela sociedade quanto pelas instituições de poder.

Não obstante, questões fundamentais relacionadas à estratificação social, tendo em vista que aqueles que se encontram à margem da sociedade, em uma divisão binária (margem – centro) enfrentam desigualdades profundamente enraizadas, inerentes ao sistema econômico em que estamos inscritos, a saber o sistema capitalista e à divisão do trabalho. E, neste contexto, é evidenciado como esse sistema perpetua opressões que recaem, sobretudo, sobre os sujeitos menos privilegiados do ponto de vista econômico e por consequência, com menor poder de influência social.

Por fim, a autora inicia a quarta e última seção de sua obra com um questionamento: afinal, “pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta a construção contínua do subalterno?” (Spivak, 2010, p. 85), e se volta para questões de gênero, lançando luz sobre mais uma zona de sombra, criada historicamente e utilizando-se de classificações e hierarquizações de maiorias minorizadas (Santos, 2020), relacionadas a condição da mulher, a qual é interpelada também por determinantes raciais e de classe, os quais garantem maior ou menor grau para a subalternidade feminina.

Spivak se ancora na violência epistêmica que ocorreu durante o período de colonização da Índia para exemplificar a heterogeneidade dos povos e a compreensão dos subalternos diante do olhar do dominante. Tal feito, acabou por criminalizar o ritual das sati que se imolavam nos túmulos dos maridos, implicando nas relações entre o público e o privado. Para os britânicos, tal feito soou como um salvamento (homens brancos salvando mulheres pretas de homens pretos), no entanto, para as mulheres indianas teve implicações que mudaram suas concepções do “ser mulher” para sempre, tornando-as objeto de proteção social. Nesse sentido, Spivak considera a importante necessidade de entender os nuances culturais e históricos que permeiam a realidade do sujeito subalterno para abordá-lo, tendo em vista que cada sujeito é único e possui características que os diferem do todo.

Dessa forma, esse livro é de grande valia para compreender os impactos do poder na sociedade, refletindo sobre a importância do lugar de fala, mas principalmente de escuta ativa, uma vez que grupos subalternos enfrentam numerosos desafios para garantir reconhecimento ao ser ouvido - diante de uma sociedade que frequentemente os silencia, gerando assim o apagamento dessas narrativas. Scott (1998, p. 297-298) tece “[...] uma crítica à história dos oprimidos ao mudar a perspectiva para privilegiar as experiências que criaram os sujeitos silenciados/oprimidos, construindo a história da diferença”. Por isso, é importante pensar na tríade de agressões que estão intimamente ligadas: a exclusão, o silenciamento e o esquecimento. Ao silenciar o outro, se excluem as possibilidades de ouvi-lo, causando assim o esquecimento e conseqüentemente o apagamento desse outro, bem como das suas vivências e realidades.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SANTOS, Richard. **Maioria Minorizada: um Dispositivo Analítico de Racialidade**. Rio de Janeiro – Editora Telha, 2020.

SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.16, p. 297-325, fev. 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BIOGRAFIA DOS AUTORES

ISADORA DA SILVA PRESTES

Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda pela UNICENTRO/Guarapuava em 2022. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNESP/Bauru. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais – ComMov.

E-mail de contato: isadora.prestes@unesp.br

FRANCISCO ARRAIS NASCIMENTO

Pós-doutorando em Comunicação pela UNESP/Bauru, doutor em Ciência da Informação pela UNESP/Marília. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em organização da informação, organização do conhecimento, memória, sexualidades, autonomação e classificação, atuando principalmente no domínio das dissidências sexuais e de gênero.

E-mail de contato: francisco.arrais.nascimento@gmail.com